

# AS MUDANÇAS NO COMÉRCIO INTERNACIONAL E AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE TÊXTEIS E VESTUÁRIO\*

André Luis Forti Scherer\*\*

Silvia Horst Campos\*\*

## 1 - Introdução

A evolução do mercado mundial de produtos têxteis e de vestuário insere-se no intenso processo de transformação ocorrido no âmbito da ordem econômica internacional no período Pós-Guerra, quando parcela da "periferia" do mundo capitalista passou por um processo acelerado de industrialização, com o deslocamento de segmentos industriais intensivos em mão-de-obra dos países industrializados para a mesma.

Inicialmente, o crescimento da renda *per capita* nos países industrializados centrais e a expansão do comércio internacional foram acompanhados por aumentos correspondentes na produção de artigos têxteis e de vestuário. O consumo foi particularmente incentivado pelo surgimento de novos produtos, baseados em novas fibras sintéticas proporcionadas pelo progresso técnico.

Entretanto, já no final da década de 60 e, em especial, no começo da de 70, a desaceleração do ritmo de crescimento desses países, de um lado, e a crescente concorrência dos países em desenvolvimento, especialmente alguns NICs (países de industrialização recente)<sup>1</sup> asiáticos, de outro, refletiram-se na perda de dinamismo do

---

\* Neste artigo, são feitas algumas considerações preliminares acerca da participação brasileira no comércio internacional de produtos têxteis e de vestuário, fazendo parte de uma linha de pesquisa que se desenvolve no Núcleo de Estudos Industriais da FEE.

Os autores agradecem a Clarisse C. Castilhos, Daisy Dias Zeni, Maria Cristina Passos e Ricardo Brinco pelos comentários e sugestões realizados. Agradecem, também, a colaboração do estagiário da FEE André Passos Cordeiro. Os equívocos, porventura, remanescentes são de responsabilidade dos autores.

\*\* Economistas do Núcleo de Estudos Industriais da FEE.

<sup>1</sup> De acordo com a classificação da OECD, são 10 os países considerados como NICs: Coreia do Sul, Taiwan, Cingapura, Hong-Kong, México, Brasil, Espanha, Portugal, Grécia e Iugoslávia (BRANSKI, 1992, p.5, nota de rodapé 3).

setor produtor de têxteis e vestuário<sup>2</sup>, transformando-o no primeiro grande grupo de indústrias a entrar em declínio nas economias industrializadas avançadas.

A ocupação do mercado de produtos têxteis e de vestuário dos países desenvolvidos por alguns em desenvolvimento deu-se, principalmente, em razão dos diferenciais vantajosos de custos da mão-de-obra a favor destes últimos. Nesse sentido, o fato de que várias etapas do processo produtivo das indústrias têxtil e de vestuário tendiam a ser intensivas no uso de mão-de-obra foi um fator decisivo para a transferência gradual das vantagens comparativas para os países menos desenvolvidos.

As significativas disparidades salariais interpaíses e a maior duração da jornada de trabalho impulsionaram a instalação de unidades produtivas industriais em países da "periferia" do mundo capitalista. Isso, por sua vez, levou ao aumento da participação relativa das economias de industrialização recente no comércio mundial de produtos manufaturados,<sup>3</sup> especialmente produtos têxteis e de vestuário.

O desempenho dos NICs asiáticos é particularmente representativo dessa situação. A primeira fase do processo acelerado de industrialização da Coreia do Sul e de Formosa, concluída no início da década de 70, esteve sustentada em uma nítida liderança da indústria têxtil e de vestuário, tendo no mercado externo um ponto de apoio fundamental. Em 1978, 35% da pauta de exportações da Coreia do Sul era composta por produtos têxteis e de vestuário, inclusive calçados (MACARINI, BIASOTTO JUNIOR, 1985, p.131-2). Em Taiwan, já em 1981, as vendas externas desses produtos ainda respondiam por 22% do total exportado —33% em 1970 e 28% em 1975, conforme Branski (1992, p.15).

Em Hong-Kong e Cingapura, cidades-estado que se converteram em típicas plataformas de exportação, a situação dava-se de maneira semelhante. Hong-Kong, um dos principais centros mundiais da indústria de confecções, respondia por 12,1% das exportações mundiais desses produtos em 1975 (MACARINI, BIASOTTO JUNIOR, 1985, p.133). Sua representatividade na pauta de exportações, por sua vez, era de 40% em 1980 (BRANSKI, 1992, p.15).

A elevada capacidade de concorrência no comércio internacional de têxteis e vestuário verificada nos NICs do Sudeste Asiático teve como consequência a adoção de fortes medidas protecionistas pelos países centrais: restrições não tarifárias e o

<sup>2</sup> Haguener e Ribeiro (1992) salientam, também, que essa perda de dinamismo reflete o fato de que a elasticidade-renda da demanda desses produtos é inferior à unidade a partir de um certo nível de renda.

<sup>3</sup> Grande parte da industrialização dos países em desenvolvimento deveu-se à internacionalização da produção de grandes empresas capitalistas dos países desenvolvidos, seja transformando os primeiros em "plataformas de exportação", seja instalando plantas industriais, visando assegurar uma fatia de um mercado interno de significativa dimensão e/ou expansão (MACARINI, BIASOTTO JUNIOR, 1985).

A ocupação de uma parcela crescente do comércio internacional dos produtos têxteis e de vestuário pelos NICs do Sudeste Asiático, por sua vez, esteve parcialmente relacionada à estratégia japonesa de instalação de unidades industriais nesses países, "(...) beneficiando-se dos custos inferiores da mão-de-obra, e obtendo livre acesso não só para suas fibras químicas de alta qualidade e baixo custo, como também para seus equipamentos e máquinas", de modo a escapar ao cerco protecionista americano exportando seus produtos através destes países, inicialmente isentos de restrições (BRANSKI, 1992, p.15-6).

contingenciamento do mercado internacional através do Acordo Multifibras, periodicamente renegociado.

Paralelamente, verificou-se, nos países avançados, liderados pelos países europeus, um intenso processo de reestruturação do setor, baseado, sobretudo, em uma nova trajetória tecnológica, vinculada à microeletrônica, como forma de recuperar ou, pelo menos, manter sua competitividade internacional. A automação de praticamente todas as fases da cadeia produtiva têxtil resultou em diminuição do conteúdo de trabalho no produto final, com conseqüente redução do custo de produção, crescimento da qualidade do produto e maior flexibilidade na produção com vistas à adaptação às mudanças nos padrões de preferências dos consumidores. Já no caso da indústria de vestuário, as inovações tecnológicas tenderam a concentrar-se nas fases iniciais do processo produtivo, não tendo sido possível automatizar várias etapas da produção onde é elevada a participação do trabalho (por exemplo, montagem e costura). A estratégia dos países desenvolvidos foi de direcionar a produção para artigos com maior valor adicionado e ciclos de vida mais curtos, deixando as manufaturas padronizadas para os países em desenvolvimento.

Embora os esforços de reestruturação e as restrições impostas pelos países desenvolvidos à expansão das exportações de têxteis e vestuário dos países em desenvolvimento, estas continuaram a aumentar, tanto em valores absolutos como relativos em termos do comércio mundial, não sendo possível, ainda, detectar uma efetiva inflexão na tendência observada a partir dos anos 60. De fato, a participação desses países no conjunto das exportações mundiais de têxteis e vestuário passou de 22,7%, em 1965, para 27,8%, em 1980, e 34,1%, em 1986 (UNCTAD, apud HAGUENAUER, 1990, p.39).

Os países em desenvolvimento não formam, entretanto, um grupo homogêneo. O desempenho dos setores produtor e exportador de têxteis e de vestuário tem se mostrado diferenciado entre os países da América Latina e os da Ásia. Enquanto estes vêm conquistando parcelas crescentes do mercado internacional desses produtos, aqueles tiveram uma *performance* muito menos dinâmica, em parte como conseqüência do contexto de crise que envolveu a região na década de 80, com um declínio geral da produção e formação de capital, inflação crescente e decréscimo dos salários reais.<sup>4</sup>

O Brasil, maior exportador têxtil da América Latina, ajusta-se a essa realidade, embora a política econômica adotada no período tenha procurado manter o dinamismo através do mercado externo. Em termos de desempenho das exportações de têxteis e vestuário, há indicações de que elas foram menos dinâmicas que o setor externo da economia como um todo.

O presente artigo tem por objetivo a verificação da maneira como as exportações brasileiras acompanharam as modificações no comércio internacional de produtos têxteis e de vestuário ocorridas nas últimas décadas, a partir das principais tendências mani-

---

<sup>4</sup> A outra razão fundamenta-se no modelo de comércio internacional desenvolvido por Anne Krueger (apud PARK, ANDERSON, 1991, p.534), segundo o qual apenas um subconjunto de países com baixas razões capital-trabalho podem transformar-se em exportadores de manufaturas intensivas em trabalho: aqueles que também são escassamente dotados de recursos naturais por trabalhador e por isso caracterizados pelo baixo valor real dos salários, além de serem densamente populosos.

festadas pelo comércio internacional e do desempenho das exportações brasileiras desses produtos. Essa abordagem permite uma avaliação não apenas quantitativa, mas também qualitativa<sup>5</sup> (no sentido da ocupação dos segmentos mais dinâmicos desse mercado) desse desempenho.

Para tanto, o artigo foi dividido em quatro seções, além desta introdução. A seção 2 apresentará as principais mudanças ocorridas no comércio internacional de têxteis e vestuário nas últimas décadas. A terceira tratará dos fatores que influenciaram essas mudanças. A quarta, analisará o desempenho das exportações brasileiras de têxteis e vestuário. Enquanto a última apresentará as conclusões quanto ao acompanhamento das principais tendências do comércio internacional pelo comportamento das exportações brasileiras de têxteis e vestuário.

## **2 - Características e modificações no comércio internacional de têxteis e vestuário<sup>6</sup>**

Nesta seção, são apontadas as características e as principais modificações pelas quais tem passado o comércio internacional de produtos têxteis e de vestuário. Destacam-se as mudanças na participação dos segmentos têxtil e vestuário no total das transações envolvendo esses produtos e as modificações na distribuição geográfica desse comércio entre grupos de países com desenvolvimento industrial e econômico desigual.

### **2.1 - Características e evolução**

O comércio internacional de produtos têxteis e de vestuário tem se caracterizado por um volume de transações cada vez mais elevado, tendo crescido mais de 23 vezes no período entre 1955 e 1986, conforme dados do GATT. Entretanto, apesar do expressivo crescimento em termos absolutos, houve uma perda de participação no total das transações mundiais com produtos manufaturados, cujo mercado tem crescido a taxas ainda mais elevadas.

Dois fatos chamam atenção quanto a esse desempenho: as taxas de crescimento no volume das transações são superiores às da produção; e grande parte do aumento nos valores transacionados deve-se ao crescimento da participação do segmento vestuário.

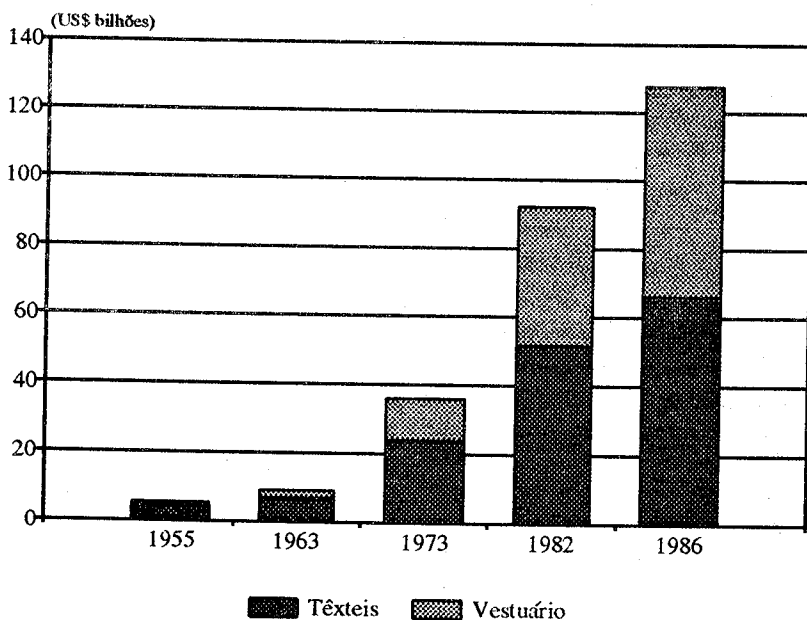
---

<sup>5</sup> O mercado internacional é muito segmentado para os produtos de têxteis e vestuário, devido tanto à grande quantidade de produtos ofertados quanto ao poder aquisitivo dos consumidores. O comércio internacional não cresce de forma homogênea para todos os produtos (ver seção 2). Nesse sentido, é possível falar-se em qualidade das exportações, não sendo esta uma referência a uma característica intrínseca do produto, mas, sim, de seu mercado.

<sup>6</sup> Os dados utilizados para a elaboração desta seção foram obtidos junto a trabalhos realizados pelo GATT. Nestes, o último dado disponível refere-se ao ano de 1986.

GRÁFICO 1

CRESCIMENTO DO COMÉRCIO MUNDIAL DE TÊXTEIS  
E VESTUÁRIO — 1955-1986



FONTE: GATT.

A partir do Gráfico 1, pode ser observado o significativo crescimento das transações com vestuário, que atingiram US\$ 61,80 bilhões em 1986, representando 48,24% do comércio mundial total de têxteis e vestuário naquele ano. Em 1955, essa participação foi de apenas 14,55%, devendo-se essa modificação ao movimento do mercado em direção ao comércio de produtos finais, de maior valor agregado, em detrimento da participação das matérias-primas no total das transações do setor.

A Tabela 1 apresenta as taxas de crescimento para o comércio internacional de têxteis e vestuário e de produtos manufaturados para alguns períodos entre 1955 e 1986.

Tabela 1

Taxas de crescimento médio anual do comércio mundial de têxteis e vestuário, por períodos — 1955-86

PERÍODOS	TÊXTEIS	VESTUÁRIO	TÊXTEIS + VESTUÁRIO	TOTAL DE MANUFATURADOS
1955-63	5,11	13,48	6,64	8,59
1963-73	12,83	19,07	14,07	14,62
1973-86	8,34	16,55	10,26	11,49
1955-73	9,33	16,55	11,00	12,56
1955-86	8,91	15,05	10,69	12,11

FONTE: GATT.

É possível constatar que as taxas de crescimento do comércio de vestuário são superiores às do total de manufaturas para quaisquer dos subperíodos apresentados na Tabela 1, enquanto o inverso ocorre para o crescimento das transações com produtos têxteis. É esse crescimento mais lento apresentado pelo comércio de têxteis que explica a queda na participação dos produtos de têxteis e de vestuário no total do comércio de manufaturas (10,30% em 1973 para 8,90% em 1986).

Por outro lado, as últimas estimativas apontam para a continuidade da tendência de crescimento tanto do volume das transações internacionais de têxteis e vestuário, US\$ 240 bilhões em 1990 (GM, 1.3.92, p.8) — representando uma taxa de crescimento médio anual de aproximadamente 17% entre 1986 e 1990 —, quanto da participação do vestuário no total (GM, 16.10.91, p.10).

A elevação no volume de transações do comércio internacional de têxteis e vestuário foi bastante superior ao crescimento da produção desses artigos, que, entre 1963 e 1973, foi de 4,90% para os produtos têxteis e de 4,00% para os de vestuário. Após 1973, as taxas de crescimento da produção diminuíram ainda mais, em especial devido ao desempenho desses setores nos países desenvolvidos. Em 1986, a quantidade produzida desses produtos apresentava-se em nível igual àquele de 1973 nas economias desenvolvidas.

Tem-se, assim, também para as indústrias têxtil e de vestuário a ocorrência de um fenômeno que vem caracterizando o crescimento das transações internacionais com produtos industriais nas últimas décadas: a elevação do comércio intra-industrial entre países. Esse fato revela a crescente segmentação do mercado para os produtos têxteis e de vestuário e o direcionamento dos países para uma especialização na produção daqueles artigos em que possuem vantagens frente aos demais, considerando-se que os segmentos não são homogêneos. O desempenho da Alemanha Ocidental fornece um bom exemplo dessa segmentação: o País era, ao mesmo tempo, o maior exportador e o maior importador de artigos têxteis em 1986 (GATT, 1987, p.18).

## 2.2 - Modificações na distribuição geográfica

O crescimento no volume de transações não tem se dado de maneira uniforme entre as regiões e dentro de cada uma delas, criando diversas situações específicas.

Os países em desenvolvimento vêm ocupando um espaço crescente no total do comércio mundial. Sua participação passou de 18% em 1963 para 25% em 1986 na exportação de produtos têxteis e de 15% para 41% na de produtos de vestuário, apropriando, assim, os benefícios de um crescimento maior naquele segmento que apresentou um crescente dinamismo no comércio mundial desses produtos.

Outro aspecto a destacar é o crescimento no número de países participantes no mercado internacional desses produtos. Como um exemplo dessa tendência, o número de países ofertantes de produtos têxteis para os EUA subiu de 85 para 114 entre 1963 e 1986. No segmento vestuário, essa modificação foi ainda maior, passando de 77 para 148 no mesmo período.

A crescente importância das exportações dos países em desenvolvimento no abastecimento do mercado dos países industrializados pode ser depreendida pelos dados da Tabela 2.

Tabela 2

Proporção de importações de têxteis, vestuário e total de produtos manufaturados dos países em desenvolvimento nos países industrializados — 1970-73 e 1982-86

(%)

PAÍSES	TÊXTEIS		VESTUÁRIO		TOTAL DE MANUFATURADOS	
	1970-73	1982-86	1970-73	1982-86	1970-73	1982-86
Japão .....	4,6	5,6	4,1	9,7	1,4	1,9
França .....	1,5	4,8	1,5	10,6	1,3	2,5
Alemanha Ocidental .....	3,8	10,3	5,6	27,4	1,6	3,7
Itália .....	3,1	6,5	0,9	13,7	1,5	3,4
Reino Unido .....	3,8	7,5	7,5	19,6	2,0	3,2
Estados Unidos .....	2,3	5,0	4,1	20,1	1,3	3,5
Total dos países industrializados ...	3,3	6,3	4,4	18,0	1,5	3,1

FONTE: PARK, Y., ANDERSON, K. (1991). The rise and demise of textiles and clothing in economic development: the case of Japan. *Economic Development and Cultural Change*, Chicago: v.31, n.3, p.531-548, Apr.

NOTA: Os números expressam as importações como porcentagem das vendas domésticas.

Verifica-se, a partir dos dados da Tabela 2, que as participações dos produtos de têxteis e vestuário oriundos dos países em desenvolvimento mais do que duplicaram entre os dois períodos considerados, com exceção de têxteis para o Japão. Note-se que as vendas domésticas de vestuário importado dos países em desenvolvimento supera-

ram largamente o ritmo de crescimento da participação dos produtos têxteis e do total de manufaturados, os quais guardam relativa semelhança em seu desempenho na conquista do mercado dos países industrializados.

Essa relação (importação/vendas domésticas) também pode ser entendida como um indicador do grau de dependência dos países industrializados com relação ao abastecimento de produtos têxteis e de vestuário pelos países em desenvolvimento. Nesse sentido, ressaltam as elevadas proporções registradas pela Alemanha Ocidental, em todos os casos situando-se acima da média dos países industrializados.

As mudanças na distribuição das importações dos países desenvolvidos entre as regiões foram bem menos acentuadas para têxteis do que para vestuário no período entre 1963 e 1986, conforme pode ser observado nos dados apresentados na Tabela 3. Os países em desenvolvimento mantiveram um comportamento estável no comércio de produtos têxteis, a partir de 1973, com os chamados Tigres Asiáticos (NICs do Sudeste Asiático), que passaram de 2% para 6% das importações dos países industrializados no período 1963-73, crescendo apenas um ponto percentual entre 1973 e 1986. No período 1982-86, por sua vez, não ocorreram alterações na distribuição das importações de têxteis dos países desenvolvidos entre as principais regiões econômicas.

O dinamismo dos países desenvolvidos no comércio de têxteis é comprovado pela posição que estes ocupam no *ranking* dos principais exportadores. Em 1986, os três maiores exportadores desses produtos eram Alemanha, Japão e Itália, nesta ordem.

Como mostra a Tabela 3, o segmento vestuário foi o que apresentou as maiores modificações na participação entre grupos de países nas importações dos países desenvolvidos. O comércio entre eles diminuiu de 77% para 47% do total entre 1963 e 1986. O destaque negativo está com as exportações da Comunidade Econômica Européia, que caíram 20 pontos percentuais no período 1963-86. Como resultado, apenas a Itália e a Alemanha estavam entre os cinco maiores exportadores de vestuário em 1986, ocupando o 2º e o 5º lugar respectivamente.

Foi nesse segmento que os países em desenvolvimento conseguiram explorar melhor as oportunidades e as vantagens de um diferencial favorável nos custos com trabalho. Sua participação como fornecedores dos países industrializados subiu de 21% para 45% das importações destes entre 1963 e 1986. Hong-Kong, Taiwan e Coreia do Sul, que participavam em 1986 com 30% das importações de vestuário dos países desenvolvidos, ocupavam o 1º, 3º e 4º lugares no *ranking* dos maiores exportadores dessas manufaturas.

O país com maior crescimento recente nas exportações para os países desenvolvidos foi a China. De uma posição secundária no *ranking* dos maiores exportadores de têxteis e vestuário (era a 11ª colocada em têxteis e a 15ª em vestuário, em 1973), passou para a 4ª e 6ª posições, respectivamente, em 1986.

Para esse desempenho, contribuíram a disponibilidade de matérias-primas e os custos salariais dentre os menores do Mundo, que lhe permitiram sucesso na competição não apenas com os países desenvolvidos, como também com os demais países em desenvolvimento.

Em consonância com o movimento do mercado mundial, a China tem se voltado de maneira crescente para a produção e a exportação de vestuário, atuando especialmente nos segmentos de produtos de menor preço, do qual vem deslocando parcela das exportações dos Tigres Asiáticos.



Tabela 3

Participação das "regiões econômicas" e de alguns países nas importações de têxteis e vestuário dos países desenvolvidos — 1963-1986

DISCRIMINAÇÃO	1963 (1)	1973	1982	1986
<b>Têxteis</b>				
US\$ bilhões .....	4,3	16,0	30,3	43,0
% comércio mundial .....	61,4	68,4	58,8	64,9
Participação (%) .....	100	100	100	100
Países desenvolvidos	80	79	77	77
EUA .....	6	6	6	4
Japão .....	8	4	5	5
CEE (12 países) .....	58	59	56	57
Outros .....	8	10	10	10
(CEE intra-região) .....	(38)	(43)	(42)	(42)
Países em desenvolvimento ..	18	17	17	17
Tigres Asiáticos (2) .....	2	6	7	7
América Latina .....	1	2	2	2
África .....	1	1	1	1
Outros .....	14	8	7	7
Zona Oriental de Comércio (3)	2	4	6	6
China .....	1	2	4	4
Outros .....	1	2	2	2
<b>Vestuário</b>				
US\$ bilhões .....	1,5	10,5	33,4	55,8
% comércio mundial .....	68,2	83,3	75,4	90,3
Participação (%) .....	100	100	100	100
Países desenvolvidos .....	77	62	47	47
EUA .....	3	1	1	1
Japão .....	9	3	1	1
CEE (12 países) .....	57	47	37	37
Outros .....	8	11	8	8
(CEE intra-região) .....	(33)	(35)	(27)	(24)
Países em desenvolvimento ..	21	33	46	45
Tigres Asiáticos (2) .....	15	26	32	30
América Latina .....	1	2	2	3
África .....	-	-	2	2
Outros .....	5	5	10	10
Zona Oriental de Comércio (3)	2	5	7	8
China .....	-	1	4	6
Outros .....	2	4	3	2

FONTE: GATT (1984). *Textiles and clothing in the world economy*. Genebra.  
 GATT (1987). *Updating the 1984 GATT Secretariat Study. Textiles and clothing in the world economy*. Genebra.

(1) Para 1963, são considerados apenas nove países da CEE, pois os da Península Ibérica estão incluídos nos "países em desenvolvimento". (2) Hong Kong, Coréia do Sul e Taiwan. (3) Países de economia planificada.

### 3 - Fatores que influenciaram as modificações no comércio internacional de têxteis e vestuário

Nesta seção, são arrolados os principais fatores que influenciaram, de modo diferenciado, as modificações no comércio de têxteis e vestuário vistas na seção anterior.<sup>7</sup> Eles compreendem aspectos de natureza distinta, concernentes à estrutura industrial, à legislação comercial e ao desenvolvimento tecnológico, os quais formaram, ao longo do tempo, o ambiente no qual as mudanças ocorreram.

Foram privilegiados na análise os fatores mais diretamente ligados à produção e à localização das indústrias de têxteis e vestuário. Nesse sentido, foram selecionadas as diferenças nos custos salariais entre as diversas regiões e países, bem como as reações tecnológicas e institucionais dos países desenvolvidos visando conter o avanço das exportações dos países em desenvolvimento.

Apesar de uma comparação mais rigorosa de custos de produção nos países com atuação no mercado internacional de produtos têxteis e de vestuário requerer que se leve em conta outros aspectos como matérias-primas e capital, os custos salariais são aqueles em que as disparidades internacionais são maiores, o que amplia sua importância na determinação dos diferenciais de custos totais. Os salários pagos mostram-se tão diferenciados que permitiram que Mody e Wheeler (1987) classificassem os países, pelos custos, em altos (desenvolvidos), médios (em desenvolvimento, em particular os Tigres Asiáticos) e baixos (China e outros países com participação recente no comércio internacional de têxteis e vestuário, como Tailândia e países da região do Caribe).

A dispersão salarial na indústria têxtil internacional, que pode ser observada através do Gráfico 2, permite identificar os três grupos da classificação de Mody e Wheeler. Os custos são altos para os primeiros sete países pesquisados (6 países europeus e EUA); médios para os próximos nove (da Espanha à Turquia, inclusive); e baixos para Marrocos, Índia e China. Ressalte-se que a distância entre os países de custos alto e médio é muito grande, sendo os custos com mão-de-obra, em média, cinco vezes maiores nos países desenvolvidos. Nos países de baixo custo, os salários são inferiores a US\$1,00 por hora. Disparidades salariais de tal magnitude não são compensadas por diferenças de produtividade, de modo que os custos unitários médios do trabalho desfavorecem os países desenvolvidos.

Situação similar dá-se com o segmento vestuário. Em 1982, por exemplo, os salários em Hong-Kong, Taiwan e Coreia do Sul correspondiam a 16%, 25% e 27% dos salários médios observados nos EUA, enquanto a produtividade do trabalho nesses países era 70%, 62% e 64% da norte-americana, respectivamente, conferindo inegável

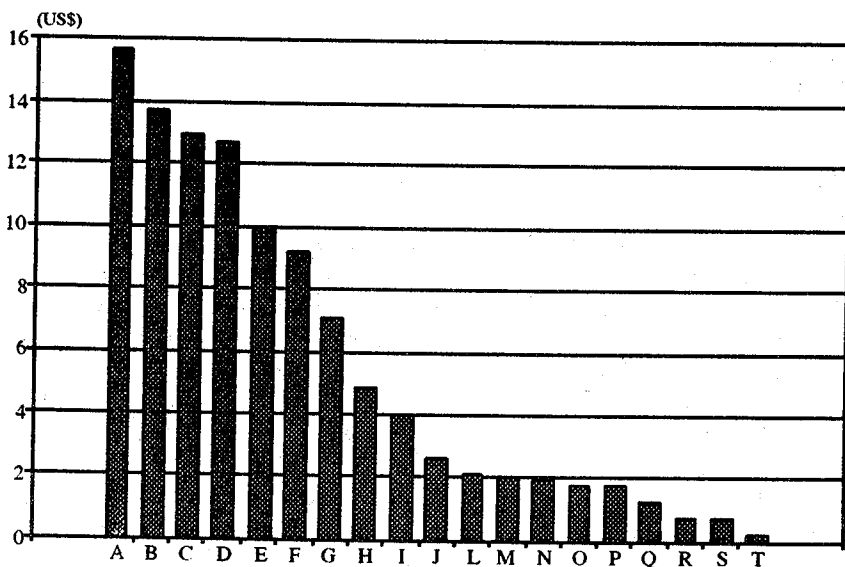
<sup>7</sup> Não serão analisadas as alterações nas políticas governamentais dos países participantes do comércio internacional de têxteis e vestuário e que tiveram forte influência nas modificações ocorridas nesse mercado, sobretudo a partir da década de 70.

vantagem a esses países quanto a esse importante componente do custo (HOFFMAN, 1985, p.373).

Essa situação de desvantagem salarial levou os países desenvolvidos a uma reação tecnológica e institucional, visando à preservação de suas indústrias e dos empregos correspondentes.

**GRÁFICO 2**

**CUSTOS HORÁRIOS DA MÃO-DE-OBRA NA INDÚSTRIA TÊXTIL EM ALGUNS PAÍSES — 1987**



- |             |                  |               |              |
|-------------|------------------|---------------|--------------|
| A - Suíça   | F - EUA          | L - Taiwan    | Q - Turquia  |
| B - Bélgica | G - Grã-Bretanha | M - Brasil    | R - Marrocos |
| C - RFA     | H - Espanha      | N - Hong-Kong | S - Índia    |
| D - Itália  | I - Grécia       | O - Portugal  | T - China    |
| E - França  | J - Tunísia      | P - Coreia    |              |

FONTE: WERNER INTERNATIONAL MANAGEMENT CONSULTANTS. In: JACOMET, D. (1989). *Le textile; habillement une industrie de pointe!* Paris: Economica. p.71-72.

A partir de meados da década de 70, foram incorporados pelos países desenvolvidos diversos equipamentos à produção de têxteis e vestuário, visando integrar e automatizar as várias etapas do processo produtivo para compensar a desvantagem na relação salarial frente aos países em desenvolvimento e aos novos participantes no comércio de têxteis e vestuário. A produção nas respectivas indústrias caracterizava-se por etapas do processo produtivo descontínuas e independentes.<sup>8</sup> Os novos equipamentos conferiram maior produtividade à produção industrial e ampliaram sua flexibilidade, vindo a auxiliar a estratégia dos países desenvolvidos de se concentrarem na produção de artigos voltados aos seus próprios mercados através de uma melhor qualidade e de um aumento na diversidade da produção.

Até o momento, a tentativa de automação da produção foi melhor sucedida no caso da indústria têxtil do que na de vestuário, embora nesta última também tenham ocorrido importantes modificações a partir da introdução de novos equipamentos.<sup>9</sup>

As indústrias de têxteis e vestuário são consumidoras e não produtoras de inovações tecnológicas que se encontram incorporadas aos bens de capital disponíveis. É o diferente grau de difusão dessas inovações em países industrializados e em desenvolvimento que pode alterar os custos relativos dos produtos e causar transformações no comércio internacional desses produtos.<sup>10</sup> A difusão tende a ser mais rápida nos países industrializados, onde, geralmente, as inovações são concebidas, mas países em desenvolvimento como os NICs do Sudeste Asiático possuem forte apoio creditício para a incorporação de equipamentos modernos à produção.

Já os novos produtos têm utilização basicamente industrial, sendo constituídos de materiais têxteis compostos e de "não-tecidos", ambos provenientes da indústria têxtil química. As aplicações são múltiplas, da indústria aeronáutica aos setores de geotêxteis<sup>11</sup> e de agrotêxteis<sup>12</sup>. Sua utilização é crescente, e as vantagens, nesse setor, são dos países desenvolvidos, uma vez que se trata de produtos que precisarão de grandes pesquisas e tempo para sua produção em grande escala pelos países em desenvolvimento.

Um último elemento a considerar diz respeito à inovação no processo produtivo e na capacidade gerencial através de tecnologias informáticas. O embasamento da

<sup>8</sup> De certa forma, ainda se caracterizam, em especial a indústria do vestuário. Já a produção têxtil, em certos produtos, aproxima-se do processo contínuo.

<sup>9</sup> Os principais equipamentos introduzidos na indústria têxtil foram os filatórios *open-end* na etapa de fiação e os teares sem lançadeira na tecelagem. Esses equipamentos aumentaram não apenas a produtividade da indústria têxtil, mas também ampliaram sua flexibilidade, contribuindo para uma maior diversificação dos produtos ofertados. Na indústria do vestuário, a introdução da modelagem e corte automáticos representou a automação completa da primeira etapa do processo produtivo dessa indústria (etapa de concepção e preparação). Nas fases seguintes, montagem e acabamento, existem avanços, mas não ainda uma solução técnica dominante e definitiva quanto a sua automação.

<sup>10</sup> A esse respeito, ver Dosi, Pavitt e Soete (1990).

<sup>11</sup> Geotêxteis: "não-tecidos" utilizados na consolidação de terrenos instáveis antes da construção.

<sup>12</sup> Agrotêxteis: "não-tecidos" utilizados como cobertura para a proteção de plantações.

estratégia de concorrência na diferenciação de seus produtos, estilo, *marketing*, etc., tem garantido parcelas significativas do comércio mundial para países como a Alemanha, a Itália e o Japão. A rapidez no acesso e na manipulação das informações é determinante na estratégia competitiva (BRANSKI, 1992, p.91). Particularmente relevante é a informatização da comercialização dos produtos mediante a criação, por exemplo, de redes telemáticas de comercialização,<sup>13</sup> sobretudo para as indústrias do vestuário, que permitem uma queda substancial nos custos com estoques das confecções, além do atendimento mais rápido dos pedidos.

Os esforços dos países desenvolvidos em reduzir as desvantagens frente aos demais, via modernização tecnológica, começaram a surtir efeito na década de 80, uma vez que tanto em têxteis como em vestuário conseguiram manter sua participação no comércio intra-regional, em 1986 com relação a 1982, sem, contudo, ampliá-la. Uma tendência mais forte de recuperação da competitividade internacional desses países pela via tecnológica dependerá, como já salientado, da velocidade da difusão desses novos equipamentos nos países de salários menos elevados.

Em nível institucional, foi criado o Acordo Multifibras (AMF)<sup>14</sup> em 1974, para regular o comércio de produtos de têxteis e vestuário, com exceção dos produtos de linho, seda e rami, e os fabricados artesanalmente, a partir de limitações quantitativas através do estabelecimento de cotas de importação. O AMF foi fundamental para as modificações ocorridas no comércio mundial das últimas décadas, ao regular 48% do mesmo em 1986 (JACOMET, 1989, p.144), tendo sido prorrogado por três vezes (1978, 1982 e 1986), sempre ampliando as restrições à participação dos países em desenvolvimento.

A existência das cotas provoca, de acordo com Branski (1992, p.61), " (...) um fracionamento do mercado entre os diversos exportadores", podendo-se identificar três grupos de países: um altamente competitivo (Tigres Asiáticos), que preenche a maioria das cotas e sofre restrições inequívocas em suas exportações com o AMF; um outro, composto por países sistematicamente apresentando subutilização de suas cotas, mas sofrendo restrições em termos de categorias específicas; e um terceiro grupo, para o qual o AMF não constitui restrição efetiva.

Atualmente, o AMF encontra-se em negociação no âmbito da Rodada Uruguai do GATT. A minuta do novo acordo prevê uma liberalização gradativa do comércio de têxteis e vestuário, com a eliminação progressiva das cotas até 2003, quando ele ficaria sujeito às regras normais do GATT. A assinatura do Acordo está prevista para 1993 (GM, 1/3/92, p.8).

Em caso de liberalização do AMF, é esperado que os países que utilizam a quase-totalidade de suas cotas ampliem suas exportações para os países desenvolvidos,

---

<sup>13</sup> Conforme salienta Haguenaer (1990, p.61), a competitividade do complexo têxtil tem na agilidade na manipulação das informações um elemento central. Por um lado, é preciso conhecer bem o mercado e suas tendências no curtíssimo prazo; por outro, é necessário repassar essas informações às unidades de produção, escolhendo as rotas mais eficientes, que permitam a maior redução no ciclo produtivo, coordenando a resposta das várias etapas da cadeia de produção.

<sup>14</sup> Esse acordo foi precedido por dois outros firmados no início da década de 60, restritos a produtos em que as fibras de algodão representassem mais de 50% da sua composição final.

enquanto aqueles que não preenchem parcela significativa das mesmas deverão perder participação no mercado, uma vez que este seria um indicativo de que são pouco competitivos nesses produtos.

## **4 - Exportações brasileiras de têxteis e vestuário**

O objetivo desta seção é analisar a dinâmica das exportações brasileiras de têxteis e vestuário, com base nas tendências mais gerais verificadas ao longo das últimas décadas, associando-a às oscilações das economias mundial e nacional. Na primeira parte, são arroladas algumas das características estruturais do setor, que influenciam o desempenho das suas exportações. Na segunda, são examinadas as características e as modificações do comércio externo desses produtos, global e ao nível dos segmentos, e sua vinculação ao produto nacional. A terceira e última compõe-se de uma análise da estrutura e da evolução das exportações do complexo têxtil-vestuário, com ênfase nas principais alterações ocorridas a nível de produto e de grupos de produtos, objetivando identificar aqueles que conferem dinamismo às exportações do setor.

### **4.1 - Algumas características estruturais do setor produtor de têxteis e vestuário no Brasil**

A característica mais marcante do complexo têxtil-vestuário brasileiro é a heterogeneidade que se verifica não só entre plantas, como também intraplantas. A análise de sua evolução aponta a presença de uma grande diversidade nessas indústrias, resultado, por um lado, da combinação da passividade e do atraso absoluto que caracterizam a grande maioria das empresas do setor e, de outro, da adoção de estratégias similares às das empresas de melhor desempenho em nível internacional por parte das líderes nacionais (HAGUENAUER, 1990, p.27).

O processo de modernização do parque têxtil nacional, deslançado entre o final da década de 60 e meados da de 70, o qual impulsionou as exportações do setor naquele período, não se reproduziu nos anos 80, precisamente quando a difusão das inovações nos países desenvolvidos e nos NICs do Sudeste Asiático, citadas na seção 3, se deu de forma mais intensa. Nesta última década, os investimentos em modernização tecnológica no Brasil ficaram basicamente restritos às grandes empresas,<sup>15</sup> as únicas com condições de financiar a importação de equipamentos tecnologicamente mais avança-

<sup>15</sup> Atem (1989) demonstra que o grau de defasagem tecnológica que se verifica entre as grandes empresas é menor do que a média do setor, com base em uma pesquisa do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) de 1988, desenvolvida junto a 49 grandes empresas do setor no País.

dos, uma vez que o crédito oficial era escasso, tornando-se causa e efeito do aumento de concentração industrial verificado.

Os segmentos que mais se modernizaram no setor têxtil foram os produtores de artigos têxteis de uso doméstico e as malharias, o que lhes permitiu a ocupação de espaços no mercado internacional. Na fiação e tecelagem, apenas cerca de 20% dos equipamentos das grandes empresas podem ser classificados como inovações tecnológicas (filatórios *open-end*, teares sem lançadeira e máquinas com dispositivos microeletrônicos) (ATEM, 1989). Em decorrência, estima-se a existência de uma defasagem tecnológica significativa na maior parte do parque industrial têxtil instalado no Brasil, principalmente em razão da prática tradicional de adicionar máquinas modernas ao estoque de capital das firmas sem substituição das antigas. Conforme observa a autora, a concentração dos equipamentos preponderantemente convencionais, na faixa entre 11 e 20 anos, em 1986, reflete o ciclo de investimentos ocorrido no período do "milagre". Os baixos níveis de produtividade obtidos em decorrência do envelhecimento do parque industrial têxtil, posicionando-se muito aquém dos atingidos com equipamentos tecnologicamente mais avançados, podem comprometer a competitividade internacional do setor.

No que diz respeito à difusão das inovações tecnológicas na indústria do vestuário brasileira, a automação industrial concentra-se, tal como nos países desenvolvidos, na informatização do gerenciamento da produção, na agilização da concepção e modelagem e na otimização do corte, as primeiras fases do processo produtivo desse segmento. O nível de automação industrial alcançado, especialmente nas grandes empresas, parece estar bastante próximo ao nível médio encontrado nos países centrais, conforme pesquisa efetuada por Tauille (apud BRANSKI, 1992, p.90).

O setor caracteriza-se por uma crescente concentração industrial, havendo aumentado a participação, no valor adicionado, das empresas com mais de 500 empregados, entre 1975 e 1985. Ressalte-se, contudo, a predominância das micro e pequenas empresas, freqüentemente atuando como subcontratadas das grandes, nos nichos de mercado ou produzindo produtos de baixo preço.

Quanto à concentração produtiva, salienta-se a predominância da produção de fibras naturais, especialmente o algodão. A disponibilidade dessa matéria-prima e a relativa estabilidade de seu preço têm se constituído em importantes determinantes da sua competitividade externa e dos produtos obtidos a partir dele.

Entretanto o fato de tratar-se de uma indústria essencialmente voltada para um mercado interno, cujos níveis de exigência se restringem praticamente a preços acessíveis, não lhe confere dinamismo para a busca de uma contínua melhoria na qualidade e atualidade tecnológica de sua produção, itens essenciais para a obtenção de competitividade junto aos principais mercados consumidores internacionais de têxteis e vestuário.

A preferência pelo mercado interno em termos da realização da produção do complexo têxtil-vestuário no Brasil constitui-se, pois, em uma característica que influi sobremaneira no comportamento das exportações do setor, visto que apenas uma reduzida parcela das empresas, as maiores, adotaram a expansão das exportações como parte de uma estratégia de ampliação de mercados.

Entre outras razões, essa preferência se deu pelas possibilidades de obtenção de maiores margens de lucro, manutenção de mercados cativos, etc., viabilizadas pela prática de políticas industriais predominantemente protecionistas (PROCHNIK, LISBOA, 1989). Com efeito, segundo Guimarães (apud HAGUENAUER, RIBEIRO, 1992, p.12), 99% dos produtos têxteis e 91% de todos os produtos confeccionados discriminados na classificação do comércio externo sofreram severas restrições não tarifárias (contingenciamento, ou, mesmo, proibição de importações) e tarifárias (alíquotas de importação de 45% para têxteis e 75% para as confecções, em média) durante a década de 80. Outro aspecto que parece ter contribuído para esse maior direcionamento para o mercado interno diz respeito à dificuldade encontrada pelas empresas brasileiras do setor em estabelecer canais efetivos e permanentes de comercialização externa de seus produtos.

## **4.2 - Características e evolução das exportações brasileiras do complexo têxtil-vestuário**

Até 1970, a indústria têxtil nacional viveu um período de relativa estagnação, que se refletiu nas exportações. O saldo da balança comercial dessa indústria mostrava-se, então, deficitário: por um lado, em virtude dos reduzidos valores exportados e, por outro, pela importação de máquinas e peças destinadas à modernização do setor. Foi apenas a partir de 1973 que o saldo comercial se tornou positivo, passando as exportações a crescerem a taxas bastante elevadas, enquanto as importações decresceram, conforme pode ser observado no Gráfico 3. O ritmo de crescimento das exportações de manufaturados têxteis durante a década permitiu alcançar um montante superior a US\$ 800 milhões em 1980, um valor cerca de 20 vezes maior do que o do início do período.

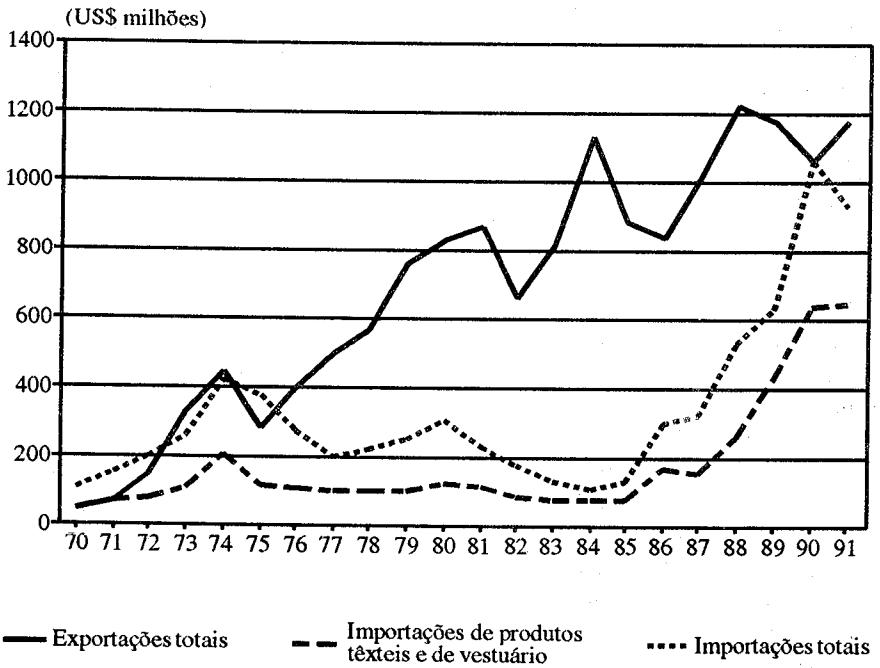
A década de 80 notabilizou-se pelos mais elevados saldos comerciais de produtos têxteis e de vestuário registrados até então. O ano de 1984 foi particularmente marcante dessa tendência, que pode ser explicada tanto pela gradual recuperação da economia brasileira, liderada pelo rápido crescimento das exportações, como pela recuperação do comércio internacional, impulsionado pela retomada do crescimento das transações norte-americanas. A interpretação do baixo nível das importações, por sua vez, requer um certo cuidado. Isto porque está a refletir essencialmente as barreiras tarifárias e não tarifárias, em vigor nesse período, e não uma elevação na competitividade da indústria nacional.

Os últimos anos da década de 80 e o começo dos anos 90, entretanto, indicam uma alteração nesse quadro. As exportações de têxteis e vestuário tenderam à estabilização, com uma taxa de crescimento de 6,20% ao ano entre 1986 e 1990, ao passo que as importações dispararam a partir de 1986, chegando a quase igualar as vendas externas em 1990. É importante registrar, todavia, que esse aumento se deveu, primordialmente, à importação de produtos têxteis, inclusive matérias-primas, e não a uma retomada de importações de bens de capital para essa indústria.



**GRÁFICO 3**

**COMÉRCIO EXTERIOR DE PRODUTOS TÊXTEIS E DE VESTUÁRIO DO BRASIL — 1970-91**



FONTE: Banco do Brasil. DECEX/CTIC. SINDITÊXTIL/ABIT.

NOTA: 1. A importação de produtos têxteis e de vestuário inclui matérias-primas.  
2. O diferencial entre as importações totais e as de produtos têxteis corresponde à importação de máquinas e peças.

Apesar da expansão significativa das exportações de têxteis e vestuário durante o período analisado — 17,23% ao ano e superando US\$ 1 bilhão —, elas não foram particularmente dinâmicas do ponto de vista do desempenho do setor externo brasileiro como um todo: a sua participação nas exportações totais foi de 3,77% entre 1970 e 1991 (3,91% na década de 70 e 3,64% na de 80).

Prochnik (apud HAGUENAUER, 1990, p.42) salienta o caráter complementar das exportações de têxteis e vestuário em relação ao comércio interno, isto é, do ponto de vista da estratégia dessa indústria, elas constituem uma alternativa inferior à colocação no mercado doméstico. A sua expansão é procurada mormente quando as vendas internas estão muito baixas, resultando daí uma evolução em correlação negativa com o crescimento do Produto Interno Bruto. Com efeito, entre 1982 e 1983, quando o PIB decresceu 3,41%, as exportações de têxteis e vestuário aumentaram 24,24%. Movimento inverso foi constatado entre 1985 e 1986, quando uma taxa positiva de 7,58% do PIB foi acompanhada por um declínio de 5,04% no valor das vendas externas de têxteis e vestuário. Para Haguenauer (1990, p.43), "(...) este comportamento, se demonstra a ausência de canais estáveis de comercialização, mostra também que não existem entraves significativos à expansão das vendas externas, dentro de certos limites".

O montante das exportações brasileiras de têxteis e vestuário, tanto em termos de volume como de valor, aponta uma posição de fornecedor marginal especializado em alguns produtos e com desempenho irregular, apresentando uma concentração quanto ao destino das exportações: América do Norte e Comunidade Econômica Européia.<sup>16</sup> Segundo estimativas do Sindicato das Indústrias de Fiação e Tecelagem do Estado de São Paulo (SINDITÊXTIL, 1992), apenas 20% da produção total do setor foram exportados em 1988, correspondendo a cerca de 1,2% dos US\$ 130 bilhões negociados mundialmente.

Três fatos chamam atenção no que se refere a esse desempenho: a participação hegemônica do segmento têxteis; a importância ascendente do segmento vestuário; e o crescimento irregular do valor exportado ao longo do período analisado.

Conforme pode ser observado no Gráfico 4, a efetiva predominância das exportações de produtos têxteis (fios, fibras, tecidos e manufaturas têxteis diversas) confirma a posição do Brasil como um antigo exportador desses produtos.<sup>17</sup> A participação média no período foi de 83%, embora tenham ocorrido algumas oscilações interessantes. Dois períodos marcaram uma participação inferior à média: 1973-76 e 1989-91, coincidindo com o arrefecimento do ritmo de exportações desses produtos.

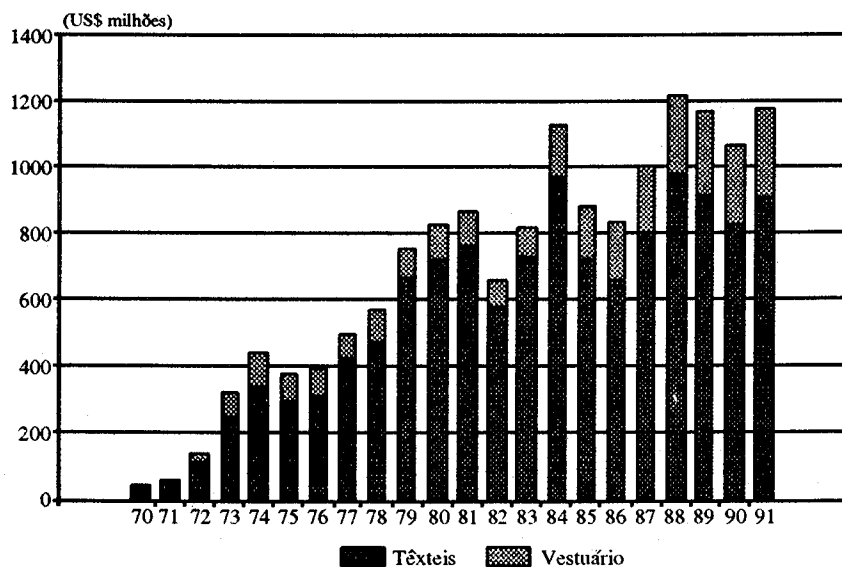
O segundo aspecto a ser destacado diz respeito ao crescimento do segmento vestuário, cujas vendas externas aumentaram a uma taxa média anual de 24,49% entre 1970 e 1991, portanto superior àquelas de têxteis (Tabela 4). O ano de 1982 foi o mais desfavorável para esse segmento na década de 80, coincidindo com a profunda recessão que se abateu sobre a economia brasileira, porém num momento em que o PIB ainda cresceu 0,57%.

<sup>16</sup> Esses mercados absorveram cerca de dois terços das exportações brasileiras de manufaturados têxteis em 1990, com destaque para os Estados Unidos (25,5%) e a Alemanha (15,1%).

<sup>17</sup> Na década de 60, os produtos têxteis foram responsáveis por mais de 40% das exportações totais de manufaturados brasileiros (HAGUENAUER, RIBEIRO, 1992, p.37).

**GRÁFICO 4**

**EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE PRODUTOS TÊXTEIS  
E DE VESTUÁRIO — 1970-91**



FONTE: Banco do Brasil. DECEX/CTIC.  
SINDITÊXTIL/ABIT.

BRANSKI, Regina M. (1990). **Exportações brasileiras de têxteis e vestuário: desempenho e perspectivas.** Campinas: UNICAMP/IE.

Já mais para o final da década, fez-se sentir o seu maior dinamismo através do contínuo aumento de sua participação nas exportações brasileiras de têxteis e vestuário, acompanhando a tendência de aumento na comercialização externa de produtos com maior valor agregado, ainda que a um ritmo menos acelerado. Entre 1986 e 1990, a taxa de crescimento das exportações brasileiras desses produtos foi de 7,39% ao ano contra 5,87% ao ano para os artigos têxteis. Em 1991, o segmento vestuário foi responsável por 23% das exportações do setor, ainda bem abaixo da média internacional, que ultrapassou os 50% em 1986 (Tabela 3).

Tabela 4

Taxas de crescimento médio anual das exportações de têxteis e de vestuário, por períodos, no Brasil — 1970-91

PERÍODOS	TÊXTEIS	VESTUÁRIO	TÊXTEIS + VESTUÁRIO
1970-74	71,22	150,70	80,58
1974-81	12,45	-0,09	9,98
1970-81	31,05	38,89	31,74
1981-91	1,70	10,42	3,15
1970-91	16,13	24,49	17,23

FONTE: Banco do Brasil. CACEX. SINDITÊXTIL.

Outro aspecto que pode ser visualizado no Gráfico 4 é a irregularidade na evolução dos valores exportados. Após um período de crescimento contínuo (com exceção de 1975) na década de 70 — mais acentuada no período 1970-74 —, este foi interrompido em 1982. A taxa média anual de crescimento desse período (31,74%) foi muito superior à da década de 80 (3,15%, Tabela 4), quando o comportamento se caracterizou por grandes oscilações. Tais oscilações foram decorrentes, de um lado, dos avanços e recuos da economia brasileira como um todo e, de outro, das dificuldades encontradas para expandir as vendas externas em virtude da freqüentemente baixa competitividade internacional dos produtos têxteis e de vestuário brasileiros frente à acirrada concorrência no mercado internacional e à crescente defasagem tecnológica das indústrias brasileiras do setor nesse período.

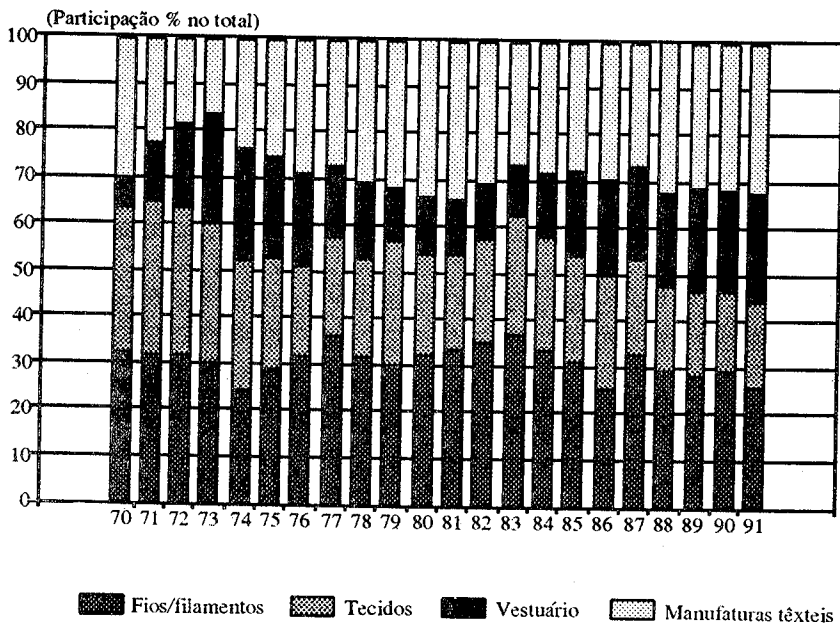
### 4.3 - Principais modificações nos principais produtos e grupos de produtos

A desagregação do segmento têxtil mostra que as mudanças mais significativas aconteceram no grupo **tecidos**, que teve sua participação diminuída em 13 pontos percentuais entre 1970 e 1991. Já os grupos **fiós/filamentos** e **manufaturas têxteis diversas** experimentaram um movimento relativamente compensatório: enquanto o primeiro teve sua participação reduzida de 32% para 26%, o segundo aumentou de 29% para 32%.

O Gráfico 5 permite a visualização do movimento dessas mudanças em termos da importância relativa dos grandes grupos de produtos têxteis e do vestuário no total do valor exportado, ao longo de todo o período analisado.

**GRÁFICO 5**

**ESTRUTURA DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE PRODUTOS TÊXTEIS E DE VESTUÁRIO, POR GRUPOS DE PRODUTOS — 1970-91**



FONTE: Banco do Brasil. DECEX/CTIC.  
SINDITÊXTIL/ABIT.

BRANSKI, Regina M. (1990). *Exportações brasileiras de têxteis e vestuário: desempenho e perspectivas*. Campinas: UNICAMP/IE.

NOTA: 1. Os principais produtos têxteis, por grupos de produtos, são **firos/filamentos**: seda, lã, algodão, linho/rami, juta, sisal, artificiais/sintéticos e fios para costura/tricô/croché; **tecidos**: seda, lã, algodão, linho/rami, juta, sisal, artificiais/sintéticos, veludos/pelúcia/chenilles e tules/fitas/rendas/bordados; **manufaturas têxteis diversas**: roupas de cama/mesa/banho/copa, cobertores, fibras químicas, tops de lã, sacos/sacolas para embalagem, cordéis/cordas/cabos e tapetes.

2. Os principais produtos de **vestuário** são roupas de malha e vestuário e acessórios de tecidos.

Nesse sentido, ficam claras a relativa estabilidade na participação de fios/filamentos, as crescentes perdas de tecidos, a irregularidade do comportamento do segmento (ou grupo) vestuário e, por fim, a consolidação do aumento na participação das manufaturas têxteis diversas.

A análise da evolução das participações relativas dos principais produtos apresentados na Tabela 5 permite uma melhor compreensão dessas mudanças.

Tabela 5

Participação relativa dos principais produtos têxteis e de vestuário no total das exportações do setor no Brasil — 1970-91

ANOS	FIOS		TECIDOS		CAMA, MESA, BANHO	CORDÉIS, CORDAS, CABOS	"TOPS" DE LÃ	ROUPAS DE MALHA	VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS DE TECIDOS	OUTROS	TOTAL
	Algodão	Químicos	Algodão	Químicos							
1970	13,78	21,27	0,98	2,22	2,55	6,48	12,96	4,04	2,56	39,76	100,00
1971	10,86	17,62	5,27	4,69	6,57	4,86	6,96	5,67	6,92	43,17	100,00
1972	15,67	17,75	3,67	6,42	6,34	3,23	4,84	8,32	9,15	42,08	100,00
1973	13,86	16,56	4,67	10,34	5,76	3,11	4,52	10,81	12,80	41,18	100,00
1974	14,93	13,49	3,48	11,73	6,58	9,15	4,01	12,71	11,81	36,63	100,00
1975	17,92	13,20	2,32	7,71	10,45	6,10	5,82	9,27	12,57	36,48	100,00
1976	20,47	10,61	2,03	5,04	10,23	6,27	7,55	8,51	11,63	37,80	100,00
1977	24,03	13,75	3,93	5,00	8,13	6,86	7,74	5,48	9,64	30,56	100,00
1978	20,61	11,88	5,32	5,46	10,74	6,71	8,29	7,52	9,09	30,99	100,00
1979	20,52	14,59	4,74	6,59	9,80	8,60	6,72	6,56	4,92	28,44	100,00
1980	21,87	13,27	4,97	5,25	10,66	8,71	7,21	7,00	5,56	28,06	100,00
1981	21,26	13,31	7,24	5,28	9,73	7,81	7,86	5,96	5,84	27,51	100,00
1982	24,33	14,68	5,75	4,45	10,45	7,68	6,53	6,98	4,66	26,13	100,00
1983	24,05	17,53	8,49	4,80	7,40	6,90	6,26	5,13	5,34	24,57	100,00
1984	21,30	17,28	7,72	4,89	9,43	6,01	4,33	6,27	7,64	29,04	100,00
1985	18,83	15,76	7,45	4,53	10,82	6,03	4,03	8,29	10,14	32,55	100,00
1986	14,99	15,90	6,00	5,52	12,95	6,15	4,32	9,82	11,25	34,17	100,00
1987	22,04	15,21	6,95	3,29	12,40	4,37	4,47	8,06	11,72	31,27	100,00
1988	16,26	12,44	7,94	3,28	14,85	4,99	5,59	8,92	11,04	34,65	100,00
1989	12,73	12,47	6,45	2,71	13,97	6,48	3,45	10,32	12,08	41,74	100,00
1990	15,23	11,94	6,75	1,79	15,87	5,30	2,83	11,41	10,63	40,29	100,00
1991	11,99	13,69	7,01	2,13	16,51	5,84	2,16	14,02	9,29	40,67	100,00

FONTE: 1970/1986: BRANSKI, Regina M. (1990). Exportações brasileiras de têxteis e vestuário: desempenho e perspectivas. Campinas: UNICAMP/IE.

1987/1991: FEE/NEI.

Ao longo de todo o período analisado, sobressaem as exportações de fios e tecidos de algodão, indicando um perfil exportador com acentuada participação dos estágios iniciais da cadeia produtiva de têxteis. A disponibilidade de matéria-prima e as boas perspectivas referentes ao consumo internacional sinalizam um quadro favorável a esses segmentos.

Dado que há evidências de efetiva competitividade da indústria nacional dos produtos iniciais da cadeia têxtil de algodão, infere-se que uma diminuição no grau de proteção que vigora em seus principais mercados externos seria conveniente. Isto

porque os níveis de utilização das cotas estabelecidas sob a égide do Acordo Multifibras têm sido geralmente superiores a 90% tanto para as exportações de fios como de tecidos de algodão. Além disso, é provável que as possibilidades brasileiras seriam maiores se o tipo de algodão predominantemente produzido no País fosse de melhor qualidade, de fibras longas e com menor grau de sujeira. Os equipamentos tecnologicamente mais avançados requerem, via de regra, a utilização de fios mais homogêneos e resistentes, o que restringe o mercado para o algodão de menor qualidade.

No que se refere aos produtos finais exportados (vestuário e manufaturas têxteis), as vendas de roupas de malha e vestuário e acessórios de tecido, produtos componentes do segmento vestuário, tiveram uma boa *performance*, principalmente na década de 80, respondendo, em conjunto, por 23% do total exportado.

Os dois outros produtos que sobressaem são *tops* de lã e roupas de cama, mesa e banho. O primeiro, pela gradativa perda em importância, pois caiu 10 pontos percentuais ao longo do período analisado, chegando a 1991 com uma representatividade de apenas 2%. O segundo, pelo aumento expressivo na participação, decorrente de uma taxa de crescimento médio anual de 28,4%, que acabou por lhe conferir a posição de produto mais importante da pauta de exportações do setor em 1991.

## 5 - Considerações finais

É reduzida a participação do Brasil no comércio mundial de produtos têxteis e de vestuário, representando apenas cerca de 1,2% do total transacionado em 1988, apesar de o crescimento das exportações brasileiras desses produtos ter seguido uma trajetória ascendente, embora descontínua, ao longo dos últimos 20 anos. Tal tendência difere da experimentada pelo comércio internacional, cujo crescimento foi constante durante esse mesmo período.

Essa constatação, especialmente quando se considera o comportamento das exportações brasileiras de têxteis e vestuário na década de 80 — marcado por grandes oscilações — leva à conclusão de que o desempenho do comércio internacional desses produtos não se constituiu num fator restritivo no período. As causas do seu comportamento descontínuo parecem estar mais ligadas às flutuações internas da economia brasileira nesse período. Isso vem a corroborar a idéia de complementaridade das exportações brasileiras desses produtos com relação ao desempenho do mercado interno e à ausência de uma estratégia exportadora permanente de parte da média das empresas do setor.

Dentre os fatores que influenciaram a perda de participação do Brasil no mercado mundial de têxteis e vestuário — as exportações brasileiras cresceram anualmente três pontos percentuais a menos que o comércio internacional no período 1973-86 —, destacam-se os altos custos para a aquisição de equipamentos, a defasagem tecnológica da maior parte do parque têxtil nacional e a dinâmica de funcionamento das empresas do setor.

Os custos do capital (depreciação e juros) são altos em relação aos de outros países, inclusive dos desenvolvidos (BRANSKI, 1990). Um planejamento que vise a uma atuação agressiva do Brasil no mercado internacional de têxteis e vestuário deve, obrigatoriamente, prever medidas que reduzam o custo do capital relativamente aos demais países.

A relativa obsolescência do parque nacional de máquinas têxteis, com todos os problemas daí advindos, também vem dificultando a ampliação da participação brasileira no comércio internacional. O direcionamento prioritário da produção para o mercado interno tende a inibir a busca pela diminuição efetiva da defasagem tecnológica do setor. Tal situação explica por que são as empresas voltadas para o mercado externo que, mesmo nos anos de recessão, procuraram ampliar e modernizar seu parque produtivo com a absorção de novas tecnologias.

O mercado internacional para produtos de têxteis e vestuário pode ser analisado conforme o uso do produto: seu comportamento tem sido dinâmico para os produtos finais (confeccionados têxteis e vestuário) e mais lento para os produtos intermediários (fios e tecidos).

De fato, as taxas de crescimento do comércio internacional de têxteis e vestuário, nos últimos 20 anos, apontam uma tendência de crescimento contínuo e acelerado da participação do segmento vestuário, sendo este atualmente responsável por metade das transações desse mercado. Essa situação não ocorre no caso brasileiro, onde a participação desse segmento flutua ao longo do tempo, atingindo um máximo de 25% da totalidade de exportações do setor, o que demonstra que a modificação na composição das vendas externas brasileiras desses produtos não aconteceu com a mesma intensidade da verificada em nível internacional.

Assim, a inserção do Brasil no segmento vestuário não se deu de modo a aproveitar devidamente as oportunidades abertas pela ampliação desse mercado. É possível que isso se deva, primordialmente, ao fato de esse mercado localizar-se junto aos países industrializados e caracterizar-se por uma crescente exigência dos consumidores desses países quanto à qualidade dos produtos. Uma resposta mais adequada de parte dos exportadores brasileiros de vestuário dependeria do fornecimento de produtos de maior qualidade pela indústria têxtil nacional, uma vez que as importações de tecidos foram restringidas durante a década de 80.

Já o mercado em expansão para os confeccionados têxteis foi bem aproveitado pelas empresas brasileiras. O aumento de sua capacidade exportadora está ligado às possibilidades de acompanhamento da evolução tecnológica pelo setor, uma vez que as empresas dessa atividade têm de apresentar um maior domínio do processo produtivo dentro da indústria têxtil, sendo exigida, além de uma adequação do parque fabril, uma organização da produção eficiente, de modo a manter a competitividade dessas indústrias. Destacam-se, nesse grupo, as empresas fabricantes de produtos de cama, mesa e banho, que vêm mantendo um bom desempenho no mercado internacional.

Uma constatação interessante referente às empresas brasileiras de confeccionados têxteis competitivas no mercado internacional é a de que elas são geralmente verticalizadas. Por um lado, isso aumenta seus custos e exige a manutenção da atividade em níveis elevados, ampliando a importância do mercado interno para essas empresas. Por outro lado, o fato de produzir os bens intermediários de que necessitam garante a qualidade do produto, permitindo sua adequação às exigências dos países importadores, embora com custos maiores e menor flexibilidade do que aquela que ocorreria em um caso de efetiva integração descentralizada. No entanto o bom desempenho dessas empresas no mercado internacional sugere que a possibilidade de ampliação significa-



tiva das exportações brasileiras de manufaturas têxteis e de vestuário passa por uma maior integração de ambos os segmentos, não de uma verticalização das plantas, mas, sim, através de uma cooperação efetiva entre eles.

Com relação aos produtos intermediários ou situados mais no início da cadeia têxtil (fios e tecidos), salienta-se o seu bom desempenho exportador. As vendas externas continuam fortemente ligadas às fibras naturais, principalmente algodão, em detrimento das fibras químicas sintéticas, que vêm conquistando espaço a nível mundial. Há indicações de que o padrão atualmente vigente no mercado internacional esteja concentrado em tecidos elaborados, malharia, vestuário e produtos especiais, com o predomínio de fios e filamentos químicos (BRANSKI, 1990).

A proteção que vigora nos principais mercados externos do Brasil é um obstáculo efetivo à expansão das vendas de alguns produtos, como os iniciais da cadeia têxtil, com base no algodão e também de alguns produtos finais, como felpudos, roupões e camisas de malha de algodão. No entanto fica claro que o AMF e os acordos bilaterais de comércio firmados não podem ser responsabilizados como determinantes da falta de dinamismo nas exportações brasileiras do setor ao longo de toda a cadeia têxtil-vestuário, uma vez que existem cotas não preenchidas, o que indica a existência de espaço para o seu crescimento.

As estimativas de um volume de transações internacionais de US\$ 240 bilhões em 1990 sinalizam a continuidade da tendência de crescimento tanto do volume transacionado quanto da participação do vestuário no total. Essa mesma tendência também se faz presente no caso brasileiro, embora a um ritmo menos intenso. O importante, contudo, é a indicação de que o Brasil está procurando direcionar a sua participação no comércio internacional de têxteis e vestuário para o segmento de vestuário, o de maior valor adicionado por unidade de produto exportado e com o mercado em expansão. Tal direcionamento deverá exigir uma maior integração com o setor têxtil na busca de vantagens competitivas que lhe permitam a ocupação de espaços mais amplos no exigente mercado dos países industrializados.

## Bibliografia

- ATEM, Suely M. (1989). *Indústria têxtil: estrutura de mercado, inovação tecnológica e estratégia empresarial*. São Paulo: PUC/SP. (Dissertação de mestrado)
- BRANSKI, Regina M. (1990). *Exportações brasileiras de têxteis e vestuário: desempenho e perspectivas*. Campinas: UNICAMP/IE.
- BRANSKI, Regina M. (1992). *O acordo multifibras e as exportações brasileiras de produtos têxteis e de vestuário*. Campinas: UNICAMP/IE. (Dissertação de mestrado)
- DOSI, G., PAVITT, K., SOETE, L. (1990). *The economics of technical change and international trade*. Londres: Harvester Wheatsheaf.
- GATT (1984). *Textiles and clothing in the world economy*. Geneva.

- GATT (1987). **Updating the 1984 Gatt Secretariat study: textiles and clothing in the world economy.** Geneva.
- GAZETA MERCANTIL (16.10.91). São Paulo, p.10.
- GAZETA MERCANTIL (1.3.92). São Paulo, p.8.
- HAGUENAUER, Lia (1990). **A indústria têxtil.** Campinas: UNICAMP/IE.
- HAGUENAUER, Lia, RIBEIRO, Vicente B. (1992). **Coping with structural and technology changes in the textiles and clothing industries: the case of Brazil.** Geneva. (Working Paper in Technology and Employment Program, WP,227)
- HOFFMAN, K. (1985). Clothing, chips and competitive advantage: the impact of microeletrônica on trade and production in the garment industry. **World Development**, v.13, n.3.
- JACOMET, Dominique (1989). **Le textile - habillement une industrie de pointe!** Paris: Economica.
- MACARINI, J. P., BIASOTTO JUNIOR, G. (1985). **A indústria têxtil brasileira: diagnóstico setorial.** Campinas: SICCT/UNICAMP/IE.
- MODY, A., WHEELER, D. (1987). Towards a vanishing middle: competition in the world garment industry. **World Development**, v.15, n.10, nov.
- PARK, Young-Il, ANDERSON, Anderson (1991). The rise and demise of textiles and clothing in economic development: the case of Japan. **Economic Development and Cultural Change**, Chicago, v.31, n.3, p.531-548, nov.
- PROCHNIK, Victor, LISBOA, Marcos de Barros (1989). **Política industrial para setores tradicionais: o caso do complexo têxtil brasileiro.** Rio de Janeiro: UFRJ/IEI. (Texto para discussão, 217)
- SINDITÊXTIL (1992). **Carta têxtil.** São Paulo. (Edição extra)
- UNITED NATIONS (1987). **Transnational corporations in the man-made fibre, textiles and clothing industries.** New York.

## Abstract

Several important changes have occurred in the textile and clothing articles production and world trade over the past two decades. The present article aims to verify if and how Brazilian exports of these products accompanied the changes at international level. It begins with the sector's new trends analysis, follows with the changes' determinants identification and finishes with the Brazilian textile and clothing exports performance and concluding remarks.